



Siemens produzirá auto-rádios

Glacial investe R\$ 250 mil e reinaugura loja

Expansão de grupos imobiliários de Manaus oscila entre 12% e 35%

Agricultura & Pecuária - O Livro de ouro da Amazônia.

Economia

Paulo César Cavaletti Cavaletti

Entrevista com João Meirelles Filho.

São duas gerações de paulistas na Amazônia. O pai, João Carlos de Souza Meirelles, foi presidente da Associação dos Empresários da Amazônia. Com sede em São Paulo, reunia os fazendeiros paulistas que tinham projetos agropecuários na região incentivados pela Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), um lobby poderoso. O pai encarnou a "filosofia" de ocupação da grande fronteira pela pata do boi, à semelhança do que os bandeirantes paulistas sempre fizeram nas expansões humanas no País desde o século XVII.

Para isso, o filho criou uma ONG (o Instituto Peabiru), está se instalando em Belém e acaba de publicar o Livro de Ouro da Amazônia (Ediouro, 400 páginas, R\$ 59), quase um álbum com um conjunto raro de informações e imagens sobre a história e a atualidade da maior fronteira de recursos biológicos do planeta - e de saber humano também. Na entrevista que concedeu por e-mail, o filho fala dessa luta.

Como foi que você se interessou pela Amazônia e quando?

Desde os 9 anos me interessei pela região e tenho feito viagens freqüentes. Primeiro acompanhando meu pai, depois como um pescador e caçador, interesse abandonado aos 20 anos. Acompanhei então Frans Krajcberg pela região, o que me despertou para seu lado artístico e poético. Por um período trabalhei com meu pai em colonização até perceber que este não era o caminho, e daí passei a encarar-la como um ambientalista.

O fato de ser filho de João Carlos Meirelles, presidente da Associação dos Empresários da Amazônia, principal grupo de pressão no início da colonização amazônica, através da pecuária, ajudou ou prejudicou sua aproximação da questão amazônica?

Permitiu-me compreender os dois lados, e verificar que a geração de meu pai estava, e está, errada. A Amazônia não suporta o que a pecuária fez na região e está causando.

Como você avalia hoje a participação de seu pai e da frente pecuária na abertura da fronteira amazônica?

Meu pai hoje está praticamente afastado da questão amazônica. Há mais de oito anos dedica-se à política no Estado de São Paulo. Eu diria que a participação de meu pai foi maior no processo privado de colonização do norte de Mato Grosso e no assentamento rural em Carajás II e III. Na área política empresarial ele teve um lugar importante, porém, naquele momento, como não havia movimento ambientalista com as mesmas dimensões de hoje, houve grande confusão das teses empresariais e das ambientalistas. As teses empresariais estavam todas erradas. Quanto à frente pecuária, onde a participação de meu pai se insere também, significou e significa o maior desastre ambiental da história do Brasil. O que mais assusta não são os milhões de hectares transformados em pasto de baixa produtividade, mas, principalmente, o sonho de milhões de amazônidas e brasileiros em serem pecuaristas, em terem seu pé-de-meia baseado na atividade da pecuária extensiva no modelo em voga.

E particularmente a função de São Paulo nesse capítulo da história da região?

Acredito que o regime militar encontrou um forte aliado no modelo das grandes fazendas de pecuária de propriedade principalmente de paulistas. Foi positivo ou negativo acompanhar a saga amazônica a partir de São Paulo? É triste. O balanço é bastante negativo.

Entre o início do seu interesse e a situação atual, que modificações você acha que aconteceram na abordagem da Amazônia? Você acha que o balanço é positivo ou negativo?

Eu, pessoalmente, amadureci muito, aprendi muito a ouvir a visão dos movimentos sociais, das ONGs da região. Os livros, principalmente de viajantes e pesquisadores, proporcionam uma introdução, porém, não há nada como acompanhar um caboco em sua busca diária de meios de sobrevivência. O meu balanço foi extremamente positivo, eu cresci muito, aprendi muito. A minha posição me permitiu uma visão dura de ser vivida, e, principalmente, assumida, mas mais completa. Hoje não como carne em protesto à pecuária extensiva da Amazônia.

Como foi escrever O Livro de Ouro da Amazônia? Como conseguiu todo o material que aproveitou no livro? E qual a fonte de suporte para essa tarefa?

Foi uma maravilha, deu-me enorme prazer e me fez me sentir muito bem. Compartilhar o que sinto, de forma transparente e aberta, deu-me grande força interior. Este é um projeto que acalentava há mais de 19 anos. Eu escrevera em 1985 um opúsculo - A Amazônia - o que fazer por ela? - onde muito das sementes ali jogadas à terra puderam se tornar árvores e mostrar sua beleza. O material vem sendo coletado há 20 anos, pude ler uns 800 livros sobre a região. Minha biblioteca particular, hoje doada ao Instituto Peabiru, e que estará em Belém proxicamente, reúne mais de 900 livros sobre a região. Aprendi muito e incorporei muitas das informações, a partir da exposição Amazônia Br 2002, no Sesc Pompéia, em São Paulo, onde tive a honra de ter sido convidado por Eugênio Scannavino Neto como o coordenador de pesquisas e do segmento de literatura. A palavra das ONGs e dos movimentos sociais é o eixo central de meu livro.

Como você encara o futuro da Amazônia? É possível à região livrar-se da bitola colonial que tem demarcado sua história?

Sou muito otimista. Tenho muita esperança que os projetos demonstrativos se tornem política pública. Tenho muita esperança que o consumidor da carne da Amazônia cobre posições mais claras dos produtores. Só que acredito que isto só acontecerá se a sociedade civil gritar bem alto, e para tanto é preciso fortalecer os movimentos sociais e as ONGs, e as campanhas públicas devem tomar mais espaço para permitir que as pessoas realmente percebam a gravidade da situação da região. Creio na juventude da Amazônia, aliás, maioria absoluta de pessoas, e que jamais compartilharia desta situação que a pecuária extensiva, a extração madeireira predatória, as grandes obras de infraestrutura e o garimpo vêm determinando o ritmo. Gostaria muito de ver meu livro e outras obras efetivamente debatidas exaustiva e publicamente. É para isto que escrevi.

No seu livro, você trata garimpeiros, fazendeiros e madeireiros de uma forma um tanto zen, achando que pode conscientizá-los a mudar o terrível papel que têm desempenhado na Amazônia. Você não acha estar sendo ingênuo ou excessivamente otimista em relação a essas personagens?

O que procuro fazer é demonstrar que não há falta de recursos para propiciar novas oportunidades para aqueles que são os motores da dilapidação cultural, social, econômica e ambiental da região. Acredito que, se o filho de um pecuarista tiver a oportunidade de estudar os danos da pecuária e efetivamente conhecer as alternativas disponíveis, esta pessoa jamais seria pecuarista à maneira de seus pais e avós. Nisto, sim, sou otimista. E ainda acredito que há tempo. O que é preciso é disseminar as práticas conservacionistas e que promovem o desenvolvimento sustentável.

Fonte: Jornal Pessoal - Lúcio Flávio Pinto

Esta coluna é publicada na edição do final de semana e é elaborada sob a coordenação do médico veterinário Paulo César Cavaletti cavaletti@vivax.com.br

Atualizada em: 20/05/2006

Copyright © 1999 - 2005 Jornal do Comercio. Todos os direitos reservados.